

Ensinar e aprender com o Instagram e a IA: um estudo no ensino superior

MARIA JOÃO MACÁRIO

mmacario@esev.ipv.pt

Escola Superior de Educação de Viseu/Instituto Politécnico de Viseu

CIDTFF/Universidade de Aveiro

Resumo

O desenvolvimento tecnológico em curso tem criado oportunidades e desafios que exigem reflexão crítica. No Ensino Superior, as ferramentas digitais e, particularmente, as baseadas em Inteligência Artificial (IA) poderão revestir-se de interesse, como apoio à aprendizagem e ao desenvolvimento de competências, tornando o complexo processo de aprendizagem mais motivador, rápido e eficiente.

Este artigo apresenta um estudo de caso centrado nas perceções de estudantes finalistas da licenciatura em Comunicação Social sobre: i) o percurso na UC de Pragmática da Comunicação, perspetivando o uso de ferramentas digitais, como o Instagram; ii) o uso da IA, em contextos académicos e de prática profissional.

Disponibilizámos um questionário online aos 52 participantes. A análise de conteúdo permitiu-nos refletir sobre como as ferramentas de IA se podem tornar um suporte com interesse, um desafio, e/ou uma ameaça à ética.

Os dados revelam que os estudantes utilizam frequentemente estas ferramentas digitais, reconhecendo o seu potencial, mas também expressam preocupações éticas. Os resultados sublinham a necessidade de uma formação crítica e ética que capacite os futuros profissionais para uma utilização responsável da IA, assegurando a integridade académica, a autonomia intelectual e a cidadania global. Esta investigação reforça a urgência de preparar o ensino superior para uma integração consciente das tecnologias emergentes.

Palavras-chave:

Ensino e aprendizagem; Pragmática da Comunicação; Instagram; Inteligência Artificial.

Abstract

Ongoing technological development has created opportunities and challenges that call for critical reflection. In higher education, digital tools — particularly those based on Artificial Intelligence (AI) — may prove valuable in supporting learning and skill development, making the complex learning process more engaging, faster, and more efficient.

This article presents a case study focused on the perceptions of final-year undergraduate students in Communication Studies regarding: i) their experience in the curricular unit of Pragmatics of Communication, considering the use of digital tools such as Instagram; and ii) the use of AI in both academic and professional contexts. An online questionnaire was made available to 52 participants. The content analysis enabled us to reflect on how AI tools can become a valuable support, a challenge, and/or an ethical threat.

The data show that students frequently use these digital tools and acknowledge their potential, but they also express ethical concerns. The results highlight the need for critical and ethical training that empowers future professionals to use AI responsibly, ensuring academic integrity, intellectual autonomy, and global citizenship. This research reinforces the urgency of preparing higher education for the conscious integration of emerging technologies.

Key concepts:

Teaching and Learning; Pragmatics of Communication; Instagram; Artificial Intelligence.

Introdução

Preocupações em torno da integração de recursos digitais na Educação não são uma novidade. Reconhece-se que os utilizadores da internet do século XXI recorrem a ferramentas digitais para interagir, socializar e aprender. Esses espaços são apelativos, porque proporcionam satisfação nos seus utilizadores, que sentem poder mover-se em ambientes de comunicação autênticos e que resultam da sua própria escolha. A Escola não tem sido indiferente a esta realidade.

Embora a inteligência artificial (IA) já exista há décadas, a sua utilização tem-se tornado mais acessível devido à popularização de ferramentas de carácter generativo, os chamados processadores de linguagem natural baseados em LLM (Large Language Model), como os *chatbots*. Atualmente, encontram-se amplamente disponíveis para o público, o que veio democratizar o uso da IA, permitindo que mais pessoas acedam às suas possibilidades, mesmo sem um conhecimento técnico sobre como funciona a IA. A definição mais atualizada publicada pela OCDE refere:

An AI system is a machine-based system that, for explicit or implicit objectives, infers, from the input it receives, how to

generate outputs such as predictions, content, recommendations, or decisions that can influence physical or virtual environments. Different AI systems vary in their levels of autonomy and adaptiveness after deployment (OECD, 2024).

Portanto, o avanço das interfaces de IA contribuiu para a tornar parte do nosso quotidiano, através de assistentes virtuais e até serviços online automatizados. Isso mesmo trouxe muitas possibilidades no apoio à aprendizagem, mas também a necessidade de equilíbrio entre a sua utilização e a autonomia dada aos estudantes no processo de aprendizagem (Holmes et al., 2023). Significa que é importante capacitá-los para aprender com a IA, não perdendo de vista, em simultâneo, a humanização do ensino.

Apesar do crescente número de investigações sobre o uso de ferramentas digitais e de inteligência artificial na educação, são ainda escassas as investigações que articulam, de forma integrada, o uso de redes sociais e de ferramentas baseadas em IA no ensino superior, explorando as suas implicações simultâneas na aprendizagem, na produção académica e na preparação para o mercado de trabalho. O presente estudo procura, assim, contribuir com conhecimento científico nesta área, ao analisar as perceções de estudantes finalistas de Comunicação

Social sobre o uso combinado dessas ferramentas numa unidade curricular centrada na Pragmática da Comunicação.

Procuraremos neste artigo refletir sobre essas possibilidades trazidas pelos recursos digitais, as redes sociais e a inteligência artificial na educação. Desenvolvemos um estudo com estudantes finalistas de uma licenciatura em Comunicação Social, a frequentar uma unidade curricular (UC) do 3.º ano de uma instituição de ensino superior em Portugal. Pretendemos centrar-nos nas perceções dos estudantes sobre o seu percurso na UC de Pragmática da Comunicação, considerando o uso de ferramentas digitais, como o Instagram; e o uso da IA, quer em contexto académico, quer na prática profissional.

Iniciaremos com um enquadramento teórico centrado nas ferramentas digitais, como o Instagram, e a inteligência artificial na Educação. De seguida, apresentaremos a metodologia, a contextualização e a discussão dos dados recolhidos. Finalizaremos com as considerações finais.

1. Contextualização teórica

A era digital tem transformado significativamente a maneira como percebemos a informação, o conhecimento e o processo de aprendizagem. A Educação não se tem revelado indiferente a este panorama, pelo que os paradigmas educacionais têm sido ajustados de

acordo com as práticas quotidianas dos utilizadores do mundo digital. O ambiente educativo tem passado por adaptações constantes e que permanecem em curso.

Com a democratização progressiva da Internet, o acesso à informação tornou-se praticamente instantâneo, acessível com apenas um clique, e participativo. O utilizador é convidado a contribuir. Este fenómeno resultou na diminuição da frequência de utilizadores em livrarias e bibliotecas físicas (Ghiță & Stan, 2022), uma vez que cada um, muitas vezes em colaboração, procura e seleciona as informações de que precisa de forma independente, através do seu telemóvel, tablet ou computador. Os jovens estão já familiarizados com este contexto, pelo que a preocupação incide na preparação dos estudantes para essa realidade, já que o volume de informações disponíveis é vasto e em constante atualização, circulando continuamente (Macário, & Sá, 2020). Logo, a aquisição de competências de pesquisa, seleção, gestão e também participação nesse fluxo de informação é, sem dúvida, desafiante. Por isso, é crucial continuar a fomentar o pensamento crítico, a resolução de problemas e a colaboração, não esquecendo a procura incessante pelo bem comum, características essenciais para uma cidadania global efetiva, cada vez mais tecnológica e interativa (Macário et al.,

2023).

Neste contexto, a Pragmática da Comunicação adquire um papel central. Ao estudar os usos da linguagem em situação, esta área permite compreender como os sentidos são produzidos, negociados e interpretados nos ambientes digitais. A comunicação online, frequentemente marcada por fragmentação textual, multimodalidade e ausência de pistas contextuais, coloca novos desafios à interpretação dos enunciados, à gestão das relações interpessoais e à construção da identidade. Através da análise pragmática, é possível explorar como os estudantes compreendem e usam as redes sociais para produzir atos de fala, gerir faces (Goffman, 1967) e cooperar comunicativamente (Grice, 1975), em espaços onde o público é real e a resposta é imediata.

Neste sentido, torna-se igualmente relevante compreender como os jovens utilizam as redes sociais no seu quotidiano, visto que essas plataformas desempenham um papel central nas suas interações e, portanto, estão presentes na sua vida diária. Na área da Educação, especialmente no Ensino Superior, têm sido realizados vários estudos que procuram compreender de que forma o uso das redes sociais, em contextos e com objetivos educativos, pode favorecer estratégias didáticas que promovam uma aprendizagem significativa e que reconhece

a realidade digital atual dos estudantes (por exemplo: Knight & Kaye, 2016; Meishar-Tal & Pieterse, 2017; Manca & Ranieri 2016; Santaella, 2020; Smith & Storrs, 2023). As situações de comunicação escrita autêntica, que muitas vezes os espaços educativos não conseguem gerar continuamente, estão presentes nas redes sociais. Os jovens têm motivos para ler e para escrever, porque estão entre um público autêntico, interessado em participar dessas situações comunicativas, portanto fazem-no de forma intencional. Ainda que o professor e os pares, em contexto escolar, sejam um público privilegiado para a escrita dos estudantes, pode ser um desafio criar situações de escrita autêntica sistematicamente (Galvin & Greenhow, 2020).

Santaella (2020) conduziu um estudo sobre a utilização do Instagram, caracterizando-o como uma plataforma predominantemente visual, que oferece possibilidades de disseminação de conteúdos educativos e de envolvimento e interação entre estudantes e professores, o que pode potenciar o interesse dos estudantes pela aprendizagem. A publicação de fotografias e de vídeos pode funcionar como uma estratégia para motivar os estudantes a participar, uma vez que a aprendizagem se torna mais apelativa e dinâmica, além de colaborativa. Apesar

dessas potencialidades, existem também alguns desafios que se prendem com o caráter mais superficial e volátil dos conteúdos nestes espaços que são as redes sociais. É por isso que a reflexão e o pensamento crítico poderão estar comprometidos (ou pelo menos com a profundidade que se requer), o que obriga a um equilíbrio na utilização de plataformas desta natureza, que podem apoiar a aprendizagem, ainda que não substituam outras abordagens.

No domínio da aprendizagem digital, autores como Siemens (2005) e Downes (2012) consideraram já a importância da conexão entre ideias, pessoas e conteúdos como condição para o conhecimento. A teoria do Conectivismo, proposta por Siemens, defende que aprender, na era digital, é saber navegar por redes de informação, saber onde a procurar e como a relacionar. O conhecimento não reside apenas na mente do indivíduo, mas nas ligações que ele estabelece com outros indivíduos da(s) comunidades(s) a que pertence. Esta perspetiva transformou o papel do professor, que passou de transmissor de saber para facilitador da aprendizagem em rede, e destacou a importância das competências de literacia digital e da reflexão sobre as ferramentas digitais utilizadas.

Com o surgimento de plataformas baseadas em IA, que procuram simular comportamentos inteligentes e competências humanas (Akgun & Greenhow, 2022), a necessidade de transformação dos espaços tradicionais de ensino parece ainda mais evidente. Estas plataformas permitem personalizar a aprendizagem, oferecem atividades e conteúdos de acordo com as necessidades específicas de cada um, para além de serem ambientes interativos e dinâmicos. No entanto, o uso (acrítico) da IA generativa acarreta também algumas preocupações éticas (Adams et al., 2023), que se prendem com a transparência e a fiabilidade. Perante este cenário emergente, que muitas vezes supera as experiências tradicionais em sala de aula, é o momento de refletir sobre a (re)configuração dos espaços educativos. É possível que o modelo de sala de aula convencional necessite de ajustes para integrar estas novas tecnologias. No entanto, não basta apenas incorporá-las, é necessário debater, refletir e planear cuidadosamente, considerando os benefícios educativos, mas também os desafios éticos, de privacidade e de equidade. Quando bem utilizada no contexto educativo, a IA pode proporcionar aprendizagens mais flexíveis e interativas (Matias et al., 2022), apresentando assim grandes oportunidades.

A convergência entre as inovações tecnológicas e os paradigmas pedagógicos reconhecidos cientificamente tem fomentado abordagens educacionais disruptivas e transformadoras, justificando uma adaptação a essa nova realidade. Tendo por base esse objetivo, Ouyang e Jiao (2021) propuseram três paradigmas que integram a inteligência artificial na educação:

i) AI-directed, aprendente-como-recetor: a IA detém o conhecimento central e o estudante segue as suas orientações e percursos definidos pela IA.

ii) AI-supported, aprendente-como-colaborador: a IA atua como uma ferramenta auxiliar, enquanto o estudante colabora com o sistema para melhorar o seu modelo de aprendizagem.

iii) AI-empowered, aprendente-como-líder: a IA atua como um recurso que expande e melhora as capacidades cognitivas humanas.

Os dois primeiros paradigmas têm sido desenvolvidos ao longo das últimas décadas, proporcionando recursos educativos em que os estudantes colaboram na construção da sua aprendizagem. O terceiro paradigma, que começa a consolidar-se, visa integrar de forma mais efetiva a IA, ou seja promove i) um ambiente em que os aprendentes assumem controlo total sobre a sua aprendizagem, ii) a utilização de

técnicas de IA (por exemplo learning analytics, sistemas de recomendação, feedback em tempo real, análise preditiva, etc.) para obter informações em tempo real sobre o progresso de cada um e iii) mudanças para sistemas de aprendizagem personalizada (Ouyang & Jiao, 2021, p. 4).

As possibilidades da IA de análise do desempenho, das preferências e das diferentes formas de aprender de cada estudante, registando as suas atividades de aprendizagem, permite que, com base nessas informações, o sistema adapte o conteúdo de ensino, personalizando-o para as necessidades de cada indivíduo. Isso cria uma experiência de aprendizagem mais envolvente e, pelo menos em teoria, mais eficaz, permitindo que o aluno faça uma gestão ativa do seu próprio processo de aprendizagem.

Embora a IA apresente estas e outras potencialidades na Educação, é fundamental considerar também as implicações éticas da sua utilização. É necessário assegurarmo-nos de que a tecnologia seja um meio de melhorar e motivar a aprendizagem, sem comprometer a dimensão humana, especialmente no que diz respeito ao papel essencial dos profissionais da Educação. As ferramentas de IA podem servir de apoio

aos professores, aliviando-os de tarefas mais burocráticas e permitindo que se concentrem em aspetos mais complexos no ensino e aprendizagem, que dificilmente podem ser substituídos por tecnologia. Algumas evidências sugerem que o ensino é uma das profissões mais difíceis de automatizar especialmente devido às competências socioemocionais, que a IA não consegue reproduzir (Schiff, 2021).

Por outro lado, é necessário refletir sobre como a IA pode influenciar as decisões dos estudantes, direcionando-os para determinados comportamentos ou ações. Isso levanta preocupações sobre a possível limitação da autonomia e da liberdade de escolha dos estudantes. Deve-se garantir que os estudantes compreendem e consentem, de forma informada e ética, as intervenções da IA, principalmente quando estas afetam as suas decisões e ações (Holmes et al., 2023). Aliás, esta preocupação relativamente a todos os cidadãos tem estado sob o olhar da Comissão Europeia, que em 2018 (com alterações em 2019) redigiu um documento intitulado Orientações éticas para uma IA de confiança (Comissão Europeia, 2019).

Na linha das preocupações relativamente ao uso da IA na Educação, considerámos realizar um estudo sobre as perceções de estudantes de ensino superior sobre esta questão. Apresentá-lo-emos em seguida.

2. Metodologia

No ano letivo de 2023/2024, desenvolvemos um estudo tendo como participantes estudantes finalistas de duas turmas da unidade curricular (UC) de Pragmática da Comunicação, do 3.º ano da Licenciatura em Comunicação Social, de uma instituição de ensino superior portuguesa. De um universo de 60 estudantes, 52 (correspondendo a todos os estudantes presentes na última sessão desta UC) responderam a um inquérito por questionário, disponibilizado online, sobre o seu percurso na UC, considerando o uso de ferramentas digitais, como o Instagram e sobre o uso da inteligência artificial, quer em contexto académico, quer na prática profissional.

Este curso de 1.º Ciclo de estudos em Comunicação Social pretende formar profissionais qualificados em jornalismo, produção e realização audiovisual, assessoria de comunicação e investigação na área da comunicação, dos média e do jornalismo.

A UC de Pragmática da Comunicação corresponde a 135 horas de trabalho, das quais 60 horas são de contacto com o docente, distribuídas por 7 horas por semana, ao longo de cerca de 2 meses. Alguns dos objetivos de aprendizagem desta UC incluem a preparação técnica e profissional relativa às formas, processos e tendências inovadoras da

comunicação, aplicando diferentes ferramentas e também a aquisição e a aplicação de instrumentos conceptuais/teóricos potenciadores do desenvolvimento (contínuo e refletido) das capacidades de comunicação linguística e de interação verbal, adequadas ao futuro contexto profissional.

Para efeitos de avaliação de trabalho de grupo, previsto no Programa da UC, foi proposto que os estudantes realizassem tarefas ao longo do semestre, que correspondiam a atividades em sala de aula (extensíveis muitas vezes a trabalho autónomo, fora da aula) que deveriam ser submetidas no moodle na sessão em que foram realizadas. Essas atividades comporiam depois o portefólio do grupo. Uma dessas tarefas correspondia ao Minuto Pragmático, a publicar na página de Instagram da UC. Cada grupo de trabalho teria a tarefa de expor, num vídeo de apenas um minuto, um tema que integrasse os conteúdos da UC. Os grupos não poderiam repetir temas de outros grupos de trabalho. Esta tarefa era realizada depois de esses temas terem sido debatidos/discutidos nas sessões de contacto (correspondendo a 60 horas de trabalho) e publicados na página de Instagram da UC, preferencialmente, na semana seguinte.

Todos os estudantes eram livres de optar por seguir ou não seguir a

página de Instagram da UC, por se tratar, apenas, de um complemento às horas de contacto. O objetivo era o de envolver os estudantes na aprendizagem, tendo o apoio de uma rede social já familiar e amplamente utilizada por eles.

Na primeira sessão de apresentação da UC, foi-lhes disponibilizada a página de Instagram, que era de acesso aberto e gerida pela docente da UC. A maioria dos estudantes seguiu a página logo nos primeiros dias e, nas semanas seguintes, talvez devido a algum ceticismo inicial, outros se foram juntando, até todos os estudantes, a par de outros curiosos e interessados e de estudantes da edição anterior da UC, primeira edição desta página. A página dispunha de cerca de 100 seguidores.

É importante referir que, durante os 2 meses de duração da UC, a página de Instagram teve publicações (sobretudo nas histórias) diárias com quizzes, sondagens, apontamentos breves, partilha de atividades realizadas em aula pelos estudantes e seus trabalhos, curiosidades, focados nos conteúdos que estavam a ser abordados nas sessões da UC. Cada história publicada tinha cerca de 50 visualizações. No que diz respeito ao Minuto Pragmático, transformado em *reels*, houve alguns

que atingiram as 800 visualizações, o que muito surpreendeu os estudantes, como o manifestaram de modo informal. Estes dados pareceram-nos muito satisfatórios, porque revelaram envolvimento por parte dos estudantes (eles próprios interagiam e partilhavam esses *reels* dos colegas), que tiveram aqui a oportunidade de contactar com conhecimento teórico de uma forma mais interativa e motivadora, para além de acederem à língua em ação/em uso, o que corresponderia, precisamente, ao conhecimento pragmático.

Para desenvolver este estudo que aqui apresentamos, delineámos a seguinte questão de investigação: de que forma os participantes veem o uso de redes sociais, como o Instagram, e a inteligência artificial para apoiar a aprendizagem e, futuramente, nas suas práticas profissionais? Esta questão de investigação permitiu-nos perseguir os seguintes objetivos: compreender as perceções de estudantes finalistas da licenciatura em Comunicação Social sobre i) o percurso na UC de Pragmática da Comunicação, perspetivando o uso de redes sociais, como o Instagram; ii) o uso da inteligência artificial, quer em contexto académico, quer na prática profissional.

Pela singularidade do fenómeno particular que aqui se quis aprofun-

dar, situámos este estudo no paradigma qualitativo (na linha do descrito por Bogdan & Biklen, 1994; Lessard-Hébert et al., 2005), enquadrando-o, no plano metodológico, no estudo de caso (como descrito por Yin, 2013). Neste quadro, o instrumento de recolha de dados foi o inquérito por questionário de administração direta (Quivy & Campenhout, 1998), pois eram os inquiridos a preenchê-lo, e foi disponibilizado online, pelas vantagens que essa modalidade oferece: “Web-based questionnaires offer many facilities for questionnaire design that are not available in traditional, paper-based formats, such as the use of drop-down menus, pop-up instruction boxes and sophisticated skip patterns” (Gray, 2004, p. 204). A estas vantagens, associava-se ainda: i) a possibilidade de preenchimento à distância, ii) a economia de tempo de resposta, iii) a geração automática dos dados em formato digital, o que torna o seu tratamento e análise mais fácil e mais rápido, iv) e a poupança de material.

Apresentamos as secções do questionário e seus objetivos:

- i) Parte I – Perfil dos estudantes: Caracterizar os participantes relativamente ao género e à idade.
- ii) Parte II – Percurso na UC: Identificar as perceções dos participantes sobre o uso do Instagram como apoio à UC e o uso de outras redes

sociais como apoio à UC.

iii) Parte III – Inteligência artificial: Identificar as perceções dos participantes sobre: o uso que a inteligência artificial genericamente na vida das pessoas; os usos que a inteligência artificial na educação; o *chatgpt* em tarefas de produção textual; o uso inadequado da inteligência artificial; o uso da inteligência artificial na profissão futura.

A partir dos dados recolhidos, realizámos uma análise de conteúdo, na linha do defendido por Bardin (1979) e Amado (2013).

Procurando aceder ao conteúdo desses dados, procedemos a uma codificação, ou seja, a uma redução dos dados, através da seleção e recorte de unidades e posterior agregação a duas categorias: redes sociais e inteligência artificial (na vida diária; na educação; nas práticas profissionais). Estas categorias emergiram dos núcleos de sentido, ou seja, das unidades de registo (Bardin, 1979; Vala, 1989), a que corresponderam segmentos determinados de conteúdo.

Seguidamente, apresentamos os resultados do estudo, a partir da análise das respostas dos estudantes ao questionário, procurando neles compreender e refletir sobre as suas perceções relativas quer ao uso das redes sociais para apoiar a UC, quer ao impacte da inteligência artificial em diferentes esferas da sua vida.

3. Apresentação da análise de dados

Começamos por apresentar muito brevemente o perfil destes 52 estudantes. Como acima referimos, eram estudantes finalistas, portanto do 3.º ano, de duas turmas do curso de licenciatura em Comunicação Social. As suas idades situavam-se entre os 20 e os 25 anos; à exceção de 1 aluno cuja idade se situava entre os 45 e os 50 anos. Alguns eram trabalhadores-estudantes. 32 estudantes eram do género feminino e 20 eram do género masculino.

Abaixo apresentamos um quadro-síntese dos principais resultados sobre os quais refletiremos nesta secção do presente artigo:

Quadro 1 – Síntese dos principais resultados

Categoria de análise	Pergunta do questionário	Principais Resultados
Redes Sociais	Plataforma utilizada para acompanhar a UC	48 estudantes: Instagram como forma descontraída de aceder aos conteúdos. 3: tornou a UC mais dinâmica. 1: quizzes antes do teste.
	Preferência por outra rede social	Apenas 5 estudantes escolheriam outra rede.
	Avaliação do <i>Minuto Pragmático</i>	51 consideraram relevante; valorizam o formato intuitivo, informal e útil para a aprendizagem entre pares.

Categoria de análise	Pergunta do questionário	Principais Resultados
	Apoio de uma rede social à UC	51 estudantes gostaram da experiência.
Inteligência Artificial	Usos gerais da IA	Geração de texto (38); Análise/síntese e pesquisa (30); Tradução (23); Chatbots (22); Edição multimédia (14); Outros com menor expressão.
	Usos da IA na educação	Geração de perguntas/respostas (37); Resumos (36); Simulações interativas (28); Personalização e tradução (21); Outros com menor expressão.
	Chatbots para apoio à escrita	Todos os estudantes consideram que ajudam, sobretudo como apoio à redação e organização de ideias.
	Uso inadequado da IA	Cópia/plágio/substituição (34); Ameaça a profissões (10); Tomada de decisões e confiança cega (≤ 4).
	Usos pessoais/académicos já realizados	Tradução, pesquisa, análise de erros, transformação de texto em voz.
	Perceção sobre a IA na profissão	Todos consideraram apoio; 32 referem também ameaça (especialmente no jornalismo).

No que diz respeito à categoria redes sociais, pediu-se aos estudantes que se manifestassem sobre essa experiência na UC. Recordamos que

os estudantes seguiam a página de Instagram da UC. Apresentou-se uma questão fechada, dando-se 6 opções de resposta. Os estudantes deveriam escolher apenas uma. 48 participantes consideraram que o acesso a uma rede social foi uma forma mais descontraída de ver os conteúdos da UC. Apenas 3 consideraram que esse uso permitiu tornar a UC mais dinâmica e 1 estudante considerou a disponibilização de quizzes rápidos antes dos testes. É interessante notar que nenhum estudante considerou respostas como contactar mais facilmente com a docente da UC, poder acompanhar trabalhos dos colegas e nenhuma das opções que lhes tinham sido dadas. Vale lembrar que teriam de manifestar aquela que consideravam mais importante, porque tinham apenas 1 opção.

Também quisemos saber se os estudantes optariam por outra rede social, portanto que não fosse o Instagram, para acompanhar esta UC. A maioria considerou que não. Apenas 5 estudantes optariam por outra rede social.

Reportando-se ao Minuto Pragmático, à exceção de um participante, todos consideraram ter sido uma atividade relevante. As justificações dos estudantes prenderam-se com a facilidade em veicular informação de forma mais dinâmica e informal e de a poderem transmitir de um

ponto de vista diferente, ou seja, com as características das histórias ou dos *reels* do Instagram. Cabe salientar que esse formato não foi imposto pela docente da UC, apenas a duração de um minuto. Esse formato era bastante intuitivo para os estudantes. Apresentamos alguns exemplos das suas respostas: “Com o minuto pragmático damos a possibilidade de todos nós (alunos) podermos ver os trabalhos uns dos outros e também de aprendermos melhor a matéria, caso tenham ficado dúvidas das aulas” (A1); “Tive casos de colegas a dizerem que entenderam melhor a matéria através do minuto pragmático sobre os processos de cortesia” (A23); “[é] a forma de todos os conteúdos serem apresentados do ponto de vista do aluno” (A24).

Pedimos a opinião dos estudantes sobre as UC poderem ter uma rede social de apoio. À exceção de 1 participante, todos gostaram dessa experiência.

As respostas dos estudantes, que integrámos na categoria das redes sociais, parecem-nos reveladoras do carácter inovador desta abordagem, porque puderam, fora das portas da sala de aula, acompanhar a UC sob um outro ponto de vista. Para além disso, é notório que consideraram útil também como modalidade de aprendizagem, desde logo porque puderam aceder a outro olhar sobre os conteúdos da UC,

fornecido pela docente. Além disso, a partilha das atividades dos estudantes, como a do Minuto Pragmático foi uma forma de aceder ao ponto de vista dos pares.

Passamos à categoria da Inteligência Artificial, que se prendia com as suas possibilidades de utilização. Esta questão era de resposta fechada, a partir de 10 opções. Não limitámos o número de opções, porque quisemos dar liberdade para os estudantes selecionarem todas as que se aproximassem da sua perceção sobre este assunto ou nenhuma das opções. Isto justificava-se para que os estudantes pudessem ter um ponto de partida para a sua reflexão, já que perguntas de resposta aberta se seguiriam.

Ao analisar estes dados, percebemos que a “Geração de conteúdo escrito” (38 ocorrências) e a “Análise e síntese” e a “Pesquisa” (30 ocorrências cada opção) foram as preferidas dos estudantes. Seguiram-se a “Tradução” (23 ocorrências), os “Chatbots ou assistentes” (22 ocorrências), a “Edição de imagem, vídeo e som” (14 ocorrências), a “Geração de objetos 3D” (13 ocorrências), o “Design de produto” (12 ocorrências) e, com menos expressividade, a “Transformação de texto em voz” (9 ocorrências). Estes resultados revelam que para estes estudantes a IA está, sobretudo, ligada à sua utilidade prática.

Particularmente na educação, os estudantes tinham também algumas opções de resposta, incluindo “Nenhuma das anteriores”, que, mais uma vez, não teve ocorrências.

Com maior expressividade, encontramos a “Geração de perguntas e respostas (para atividades de aprendizagem)” (37 ocorrências) e a “Assistência na pesquisa (por exemplo, fornecendo resumos)” (36 ocorrências). De seguida, os estudantes situaram as suas respostas nas “Simulações interativas (exploração interativa de conceitos, para melhor compreensão)” (28 ocorrências), na “Personalização da aprendizagem (a partir de necessidades individuais)” e na “Tradução e suporte multilingue” (21 ocorrências cada uma destas opções). Com menos expressividade, encontramos ocorrências relativamente à “Tutoria virtual (suporte personalizado)” (14 ocorrências), ao “Feedback individualizado (a partir de respostas dos alunos)” (13 ocorrências) e à “Criação de conteúdo educativo (vídeos, materiais de estudo, etc.)” (11 ocorrências). Percebe-se a prioridade dos estudantes sobre a interação e a aprendizagem ativa e personalizada.

Pedimos, ainda, aos estudantes que nos respondessem se consideravam que “os *chatbots*, como o *chatgpt*, que recorrem a inteligência artificial”, os/as poderiam “ajudar em tarefas de processamento de

texto (=a escrever um texto, para diferentes fins)”. Todos consideraram que sim. Apontaram possibilidades relacionadas com o apoio ao estudo e o apoio à redação de textos escritos. A maior parte destas respostas tinha em consideração que a IA lhes permitia identificar ideias, temas, conceitos, termos específicos para estruturar um texto: por exemplo, “Sim, fornece várias ideias de diferentes tipos de texto por exemplo, o que facilita a realização dos trabalhos porque utilizamos como base para fazer o trabalho final.” (A26) e “Sim, na nossa área acredito que seja principalmente como suporte de pesquisa. Em *chatbots* como o *chatgpt* é mais fácil reunir a informação que precisamos para depois a trabalharmos e analisarmos” (A38). As suas respostas parecem tender para as tarefas de apoio por parte da IA, focando-se particularmente nos *chatbots*, e menos de substituição (encontrámos uma ocorrência “Sim, para copiar” (A12)).

Também perguntámos “O que é para si um uso inadequado da inteligência artificial?”. Demos a possibilidade de resposta aberta. A maior parte das respostas situam-se na cópia, no plágio, na substituição do estudante na realização de trabalhos (34 ocorrências). Outra preocupação é a da substituição de profissões como a de jornalista (10 ocor-

rências). Com ainda menos expressividade surge (não mais de 4 ocorrências cada) a tomada de decisões pelo indivíduo e a confiança de que toda a informação é verdadeira. Estes participantes parecem estar sensibilizados para os perigos de um uso impróprio da IA e, ainda, dos desafios para as profissões num futuro próximo.

Quisemos, também, saber se os participantes já tinham recorrido à IA e para que fins. A questão era de resposta aberta. Todos os participantes responderam. Identificámos uma grande diversidade de finalidades, mas aquelas que mais se destacaram foram a tradução, a pesquisa, a análise de erros e a transformação de texto em voz. A dimensão do contexto académico está fortemente presente em diversas respostas, mas também se percebe que há uma dimensão pessoal aí presente.

Para terminar, quisemos também conhecer a perspetiva dos participantes sobre “o uso da Inteligência Artificial na sua profissão” e se achariam “que será um apoio ou uma ameaça”. Pedimos que justificassem a sua resposta. Todos responderam e todos destacaram a IA sobretudo como um apoio:

“Na área em que estou integrado, acho que se for usar de forma correta pode ser uma mais valia [sic] para todos, por exemplo numa redação, se tivéssemos um sistema de IA que ajudasse os

jornalistas a sintetizar cada tema (das notícias do dia-a-dia), assim, quando fosse para fazer uma peça por exemplo o jornalista tinha mesmo de a montar seguindo o que a IA lhe deu” (A50).
Veja-se alguma dimensão acrítica nesta formulação dada pela IA. Apesar de os estudantes considerarem a IA um apoio, também a consideram uma ameaça (32 ocorrências): "Diria que seria um 50/50. Porque no caso do jornalismo pode ser uma ameaça no sentido que podem vir mesmo a substituir, no entanto pode ser uma ajuda para os atuais jornalistas para por exemplo ajudar a "dar uma volta ao texto"" (A17).
A partir destes dados, faremos de seguida a sua discussão.

4. Discussão dos resultados

Começamos por convocar os objetivos deste estudo de caso: compreender as perceções de estudantes finalistas da licenciatura em Comunicação Social sobre: i) o percurso na UC de Pragmática da Comunicação, perspetivando o uso de ferramentas digitais, como o Instagram; ii) o uso da inteligência artificial, quer em contexto académico, quer na prática profissional.

Os resultados do estudo revelam a familiaridade destes participantes com as ferramentas digitais em contexto académico.

Em primeiro lugar, notámos a predominância do Instagram como plataforma que pode acompanhar as sessões de contacto presenciais e que foi reconhecida pela maioria dos estudantes como uma forma mais descontraída de aceder aos conteúdos. Isso mesmo identificou Santaella (2020), que caracterizou o Instagram como uma plataforma visual e apelativa para a interação com conteúdos educativos. Também a participação ativa dos estudantes na produção de conteúdos, como o Minuto Pragmático, reforça as conclusões de Galvin e Greenhow (2020), que destacam a importância das redes sociais como espaços onde os jovens encontram motivos autênticos para ler e para escrever. Este envolvimento dos estudantes, ao participarem de forma criativa e colaborativa, pode ser interpretado à luz da teoria do conectivismo de Siemens (2005), segundo a qual a aprendizagem ocorre em ambientes digitais distribuídos, através da criação e da partilha de conteúdos em rede. Os estudantes sentem-se mais motivados para participar, quando estão a interagir num ambiente digital familiar e dinâmico, o que considera a necessidade de adaptar as práticas pedagógicas aos novos contextos digitais (Macário et al., 2023).

O uso do Instagram nesta UC mostra como a aprendizagem pode ser ampliada para além da sala de aula formal, favorecendo um modelo

em que os estudantes acedem a conteúdos, contribuem com produções próprias e interagem entre si — o que, de acordo com Downes (2012), representa uma aprendizagem em rede que valoriza a autonomia, a diversidade e a interconectividade.

No entanto, é importante notar que, apesar de outras redes sociais poderem ser também convocadas para este apoio à UC, a maioria dos estudantes não manifestou interesse em as utilizar neste contexto, o que pode refletir uma preferência consolidada pelo Instagram, talvez devido ao tipo de interações que proporciona.

Relativamente à utilização da IA, os resultados também fornecem dados interessantes. A seleção dos estudantes na valorização da IA, sobretudo para "geração de conteúdo escrito", "análise e síntese" e "pesquisa," vai ao encontro da discussão de Ouyang e Jiao (2021) sobre o uso da IA como um recurso de apoio ao processo de aprendizagem, especialmente nos paradigmas AI-directed e AI-supported. Esta perceção permite reforçar a ideia de que os estudantes encaram a IA como uma extensão da sua capacidade de acesso e organização do conhecimento — um princípio também valorizado por Siemens (2005), que defende que saber onde encontrar a informação e como a ligar a outros

saberes é mais relevante do que reter conteúdos isolados. Os resultados indicam que os estudantes consideram a IA como uma ferramenta de apoio, que melhora a sua capacidade de gerir e produzir informação, permitindo-lhes focar em tarefas cognitivas mais complexas, como sugerido por Matias e outros (2022).

Contudo, tal como apontado por Adams e outros (2023), as implicações éticas também emergem dos dados, uma vez que a maioria dos estudantes destaca preocupações sobre o uso inadequado da IA, como a cópia e o plágio. Este aspeto permite destacar a importância da literacia digital crítica no ensino superior, já que a autonomia e a responsabilidade individual — valores defendidos por Downes (2012) no contexto da aprendizagem conectada — são essenciais para uma integração ética da tecnologia nos processos de aprendizagem. Logo, é fundamental que haja uma abordagem equilibrada da IA na educação, em que o foco não deve ser a automatização das tarefas, mas a preservação da dimensão humana e ética na aprendizagem.

A preocupação dos estudantes relativamente ao potencial impacto da IA nas profissões, particularmente no jornalismo, pode associar-se às reflexões de Schiff (2021), que considera que profissões que exigem competências socioemocionais, como o ensino e o jornalismo, podem

ser mais difíceis de automatizar, mas não imunes a transformações.

Por fim, as respostas dos estudantes sobre a IA como "apoio" nas suas futuras profissões, apesar das preocupações sobre as possibilidades de algumas profissões como a de jornalista poderem vir a ser substituídas, indicam uma perspetiva ainda em desenvolvimento, o que reflete o dilema identificado por Holmes e outros (2023) sobre a dualidade da IA como uma ferramenta de apoio e uma potencial ameaça à autonomia profissional. Essa visão é reforçada pela identificação de finalidades práticas para a IA, como tradução e análise de erros, mostrando que os estudantes já começaram a integrar essas tecnologias nos seus processos académicos e pessoais, mas ainda com uma abordagem predominantemente funcional.

Em síntese, os dados analisados mostram que os estudantes reconhecem o valor das redes sociais e da inteligência artificial como extensões práticas das suas rotinas de aprendizagem e comunicação. Ao utilizarem essas ferramentas com intenção e consciência crítica, demonstram capacidade para mobilizar competências digitais num quadro de aprendizagem em rede, tal como definido por Siemens e Downes. A sua atenção às implicações éticas e profissionais revela uma postura ativa perante os desafios contemporâneos da educação e da

comunicação, exigindo respostas pedagógicas que favoreçam autonomia, reflexão e responsabilidade.

Na secção seguinte, faremos as considerações finais.

Reflexões finais

Por fim, mas não querendo naturalmente encerrar esta reflexão e discussão, parece-nos que os estudantes levantaram vários tópicos com muito interesse para a comunidade educativa. Urge (re)pensar sobre como estão estes estudantes a aprender e a realizar tarefas, a partir do contexto educativo, mas para além dos muros desse espaço, por sua iniciativa, a partir de objetivos que os próprios identificaram. Como podem as instituições educativas adaptar-se a esta realidade? Como podem as ferramentas de IA apoiar(-nos)? Como poderemos salvar o rigor, a integridade, a fiabilidade, a ética? Acreditamos que os próximos tempos obrigam todos a refletir e a delinear formas de intervenção educativa (e social) informadas e de acordo com os desafios atuais. Portanto, é fundamental garantir que os estudantes não só aprendem efetivamente com as ferramentas digitais, com particular foco na IA generativa, que está atualmente ao dispor de todos, mas também garantir que são capazes de questionar os seus limites e implicações éticas.

Referências Bibliográficas

- Adams, C., Pente, P., Lerner, G., & Rockwell, G. (2023). Ethical principles for artificial intelligence in K-12 education. *Computers and Education: Artificial Intelligence*, 4, 1-10. <https://doi.org/10.1016/j.caeai.2023.100131>
- Comissão Europeia. (2019). *Orientações éticas para uma IA de confiança*. <https://data.europa.eu/doi/10.2759/2686>
- Downes, S. (2012). *Connectivism and Connective Knowledge: Essays on meaning and learning networks*. National Research Council Canada. https://www.downes.ca/files/Connective_Knowledge-19May2012.pdf
- Holmes, W., Bialik, M., & Fadel, C. (2023). *Artificial intelligence in Education: promises and implications for teaching and learning*. Center for Curriculum Redesign. <https://curriculumredesign.org/wp-content/uploads/AIED-Book-Excerpt-CCR.pdf>
- Galvin, S., & Greenhow, C. (2020). Writing on social media: A review of research in the high school classroom. *TechTrends: Linking Research and Practice to Improve Learning*, 64(1), 57-69.
- Ghiță, I. A., & Stan, A. (2022). The dilemma of teaching in the digital era: artificial intelligence. Risks and challenges for Education. *Jus et Civitas*, 2(56), 56-62. 10.51865/JETC.2022.2.09
- Goffman, E. (1967). *Interaction Ritual: Essays on Face-to-Face Behavior*. Garden City, NY: Anchor Books.
- Grice, H. P. (1975). Logic and conversation. In P. Cole & J. L. Morgan (Eds.), *Syntax and semantics: Vol. 3. Speech acts* (pp. 41–58). New York: Academic Press.
- Knight, C. G., & Kaye, L. K. (2016). 'To tweet or not to tweet?' A comparison of academics' and students' usage of Twitter in academic contexts. *Innovations in Education and Teaching International*, 53(2), 145-155. <https://doi.org/10.1080/14703297.2014.928229>
- Macário, M. J., & Sá, C. M. (2020). Era da web social e novos cenários educacio-

nais: oportunidades de coconstrução de conhecimento. *Imagens da Educação*, 10(3), 1-15. DOI: <https://doi.org/10.4025/imagense-duc.v10i3.50568> | URL: <http://hdl.handle.net/10400.19/6696>

Macário, M. J., Sá, C., & Mesquita, L. (2023). Educação em Português e promoção da cidadania global: uma revisão sistemática de estudos publicados. In A. M. Ferreira, C. Morais, M. F. Brasete, & R. L. Coimbra (Eds). *Pe-los mares da língua portuguesa 5. Vol. 2 – língua e ensino* (379-395). UA Editora. DOI: <https://doi.org/10.48528/txwt-3d03> | <http://hdl.handle.net/10400.19/8186>

Manca, S., & Ranieri, M. (2016). Facebook and the others: Potentials and obstacles of social media for teaching in higher education. *Computers & Education*, 95, 216-230. <https://doi.org/10.1016/j.compedu.2016.01.012>

Matias, K. A., Moresi, E., & Kohls-Santos, P. (2022). Tendências em inteligência artificial e educação híbrida: estudo exploratório. *Poiesis Pedagógica* (20), 76-96.

Meishar-Tal, H., & Pieterse, E. (2017). Why do academics use academic social networking sites? *The International Review of Research in Open and Distributed Learning*, 18(1), 1-22. <https://doi.org/10.19173/irrodl.v18i1.2643>

OECD. (2024). *Definition of artificial intelligence*. OECD.AI. <https://oecd.ai/en/wonk/definition>

Ouyang, F., & Jiao, P. (2021). Artificial intelligence in education: The three paradigms. *Computers and Education: Artificial Intelligence*, 2, 1-6.

Santaella, L. (2020). Instagram e a educação: Algumas considerações. *Revista Brasileira de Educação a Distância*, 27, 1-24. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782022270099>

Schif, D. (2021). Out of the laboratory and into the classroom: the future of artificial intelligence in education. *AI & SOCIETY*, 36, 331–348

Siemens, G. (2005). Connectivism: A learning theory for the digital age. *International Journal of Instructional Technology and Distance Learning*, 2(1), 3–10.

Smith E., & Storrs H. (2023). Digital literacies, social media, and undergraduate

learning: what do students think they need to know? *International Journal of Educational Technology in Higher Education*, 20(1). <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC10195119/>

Nota curricular

Maria João MACÁRIO, doutorada em Didática e Formação, Ramo de Didática e Desenvolvimento Curricular, é professora adjunta convidada da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viseu. Pertence à área disciplinar de Português e ao departamento de Ciências da Linguagem. É, ainda, membro integrada doutorada do CIDTFF (Centro de Investigação Didática na Formação de Formadores) e colaboradora do CI&DEI (Centro de Estudos em Educação e Inovação). Interessa-se pela Educação em língua portuguesa, temática que aborda nas suas atividades de docência, supervisão e investigação.